

RUI PATRÍCIO
Advogado

Como Camilo Castelo Branco completa L. Frank Baum

N uma viagem em família, dei por mim, na costa de uma ilha dos Açores (ilhas maravilhosas, e já menos desconhecidas do que no tempo em que Raul Brandão as homenageou), perante um arco-íris perfeito – o que surge na imagem que ilustra este texto. Poucas vezes nos é oferecida tal visão, e deu-me para, entre o mais, dizer a três crianças, as minhas sobrinhas (B, M e C), que Dorothy certamente não desdenharia percorrer aquele arco-íris em busca do Feiticeiro de Oz e do reconfortante regresso a casa. E logo elas perguntaram, com o questionar sem piedade e sem medo das crianças, não só quem era Dorothy, mas principalmente porquê. “Porquê?” – pergunta terrível, porque difícil, sobretudo vinda de crianças, que querem mesmo saber, com a candura e a crueza de que só elas são capazes. E eu expliquei quem era Dorothy, personagem do livro de L. Frank Baum (“The Wonderful Wizard of Oz”), e também do filme que Judy Garland protagonizou, onde é levada pela tempestade para um mundo mágico, blá-blá-blá, e que percorre um longo caminho, e que nele encontra, entre o mais, um leão que quer coragem, um homem de lata que quer um coração e um homem de palha que quer um cérebro. E elas, sem tréguas e sem piedade nenhuma: “Oh tio, mas porquê coragem, coração e cérebro, e porque gostaria ela de percorrer esse arco-íris?” O diabo dos porquês dos oito e seis anos. Irra, “porque sim”, apetece responder, mas “porque sim” não é resposta para ninguém, muito menos para quem quer mesmo saber – e também não é verdade. Há sempre mais e muito, “porque sim” é curto, na verdade é nada.

Coragem, coração e cérebro são o que mais importa nesta vida, afinal, e é da presença dos três e do equilíbrio entre eles que quase tudo se faz, tento eu explicar. Por exemplo, as profissões do tio, advogado, e tal, blá-blá-blá, e do pai, gestor, que fazem isto e aquilo – profissões que, como todas, e como a vida em geral, exigem coragem para isto, coração

Coragem,
coração e
cérebro são o
que mais
importa nesta
vida.

Como
o arco-íris, a
vida tem
muitas cores,
muitos matizes,
e é feita delas
todas.



para aquilo, cérebro para aqueloutro. E lá me esforço e estendo em explicações, acrescentando que, como o arco-íris, a vida tem muitas cores, muitos matizes, e é feita delas todas e da diversidade e da tentada harmonia entre elas que julgo que Dorothy muito gostaria de ver e de percorrer (talvez mais do que um caminho de tijolos amarelos). Razões pelas quais, em início de conversa, me ocorreria dizer: “Olha que belo arco-íris para Dorothy percorrer em busca do Feiticeiro de Oz.” Enfim, o que eu fui dizer, mas lá tentei explicar, e creio que me saí razoavelmente (embora com o olhar limpo das crianças nunca se saiba).

Mas, como tudo na vida, as viagens acabam, e cada qual volta ao seu dia a dia, o meu de advogado, o pai delas de gestor, outros e cada qual ao seu mundo. E eu dou logo de caras com isto e mais aquilo, e assim e assado, e às vezes é cada coisa, es-

pecialmente surpresas (ou nem tanto) vindas de pessoas próximas, que julgaríamos (ou queríamos julgar) que não viriam. E desilusões, problemas, azedumes, obstáculos, enganos, sinuosidades. A dura realidade da vida, bem longe do perfeito, efêmero e raro arco-íris. E logo me ocorre que a poética de Baum (ainda que magnífica e certa) está incompleta, e que, nesta vida, também é preciso muito estômago, e às vezes mais do que um. Como muito bem sintetizou Camilo, num título de génio, como só ele: “Coração, Cabeça e Estômago.” Pois é. Mas isto ainda é cedo para lhes explicar (se é que já não intuam), a B, M e C. Terão tempo para aprender. ■

Nota: para B, M e C; sobre advocacia, gestão, et cetera